

## PERSPECTIVAS DECOLONIAIS NA HISTORIOGRAFIA DO ESPORTE DA AMÉRICA DO SUL

Daniele Medeiros 

**RESUMO:** Resenha de BROWN, Matthew. **Sports in South America: a history.** New Haven & London: Yale University Press, 2023. 277p.

**PALAVRAS-CHAVE:** História do esporte. América do Sul. Perspectiva Decolonial.

### DECOLONIAL PERSPECTIVES IN THE HISTORIOGRAPHY OF SOUTH AMERICAN SPORT

**ABSTRACT:** Review of BROWN, Matthew. **Sports in South America: a history.** New Haven & London: Yale University Press, 2023. 277p.

**KEYWORDS:** Sports History. South America. Decolonial Perspective.

### PERSPECTIVAS DECOLONIALES EN LA HISTORIOGRAFÍA DEL DEPORTE EN SUDAMÉRICA

**RESUMEN:** Reseña de BROWN, Matthew. **Sports in South America: a history.** New Haven & London: Yale University Press, 2023. 277p.

**PALABRAS CLAVE:** Historia del Deporte. Sudamérica. Perspectiva Decolonial.

A história do esporte na América Latina, de maneira geral, e na América do Sul de maneira mais específica, é debatida entre acadêmicos há algum tempo. Alabarces (2009) aponta a inovadora publicação do brasileiro Roberto DaMatta, com o livro “O universo do Futebol” (1982) além das obras do argentino Eduardo Archetti (1985) e da brasileira Simoni Lahud Guedes (1977) como os marcadores iniciais dos estudos sociais do esporte nessa região. O campo se formava primeiramente relacionado à antropologia e à sociologia e essencialmente focado no futebol (Melo, 2017).

Nos anos 1980, algumas publicações internacionais chamaram a atenção mais direta para seus fatores históricos. De maneira mais específica, foram as publicações de J. Arbena (1986; 1988) que colocaram ênfase nos debates internacionais sobre a importância dos estudos sobre a história do esporte na região, que até o momento, em suas palavras, haviam recebido apenas uma análise sistemática limitada. A partir de então, artigos e livros internacionais buscaram sintetizar o processo de chegada e desenvolvimento do esporte, na tentativa de expor fontes que pudessem ser utilizadas para esses estudos, expandir a literatura disponível e, ao mesmo tempo, visibilizar os exemplos das experiências latino-americanas para contribuir à elaboração de teorias universais mais abrangentes a respeito da história do esporte (Arbena, 1988). Entretanto, essas produções – marcadas pelas reflexões da época – apontavam dois caminhos: por um lado, consideravam a América Latina um bloco maciço que sofria as mesmas ações em relação ao esporte (Arbena, 1988); por outro lado, reafirmavam o papel de receptáculo esportivo dos países latino-americanos, sem enfatizar as trocas, criações e adaptações ocorridas (Chappell, 2001).

Mais recentemente, é possível notar uma mudança na forma como os conhecimentos sobre a história dos esportes na região são produzidos e difundidos. Melo (2017) e Sheinin e Torres (2020) apontam uma crescente e inovadora literatura que tem buscado trabalhar a temática a partir de questões como as políticas de poder, as identidades nacionais, as masculinidades e feminilidades, os mega eventos esportivos e questões de raça, vinculadas às novas aproximações que o fenômeno esportivo vem recebendo na literatura mundial.

Alinhado a esta nova perspectiva encontra-se o livro de Matthew Brown, “Sports in South America: a history”, publicado em 2023 pela Yale University Press. Brown tem como linha central de investigação a história da América do Sul desde 1800 até o presente, com foco na história dos esportes e da cultura popular. Com publicações anteriores que versavam sobre temas como futebol e ciclismo, no livro em tela o autor analisa a transformação das culturas esportivas na América do Sul desde o estabelecimento das regras da Football Association até a organização do Mundial de futebol no Uruguai em 1930.

Neste livro, destacam-se dois elementos fundamentais que o situam em posição de atualidade diante das discussões sobre as interconexões entre práticas globais e locais, bem como nas análises das relações entre esporte, decolonização e seus nexos transnacionais. O primeiro deles é sua desvinculação de algumas amarras historicamente impostas à história do esporte, especialmente a partir das definições advindas de Allen Guttmann (1978) e Norbert Elias (1992). Ao reconfigurar as noções de modernidade e ampliar as fronteiras do que pertence ou não ao escopo do esporte, o autor permite uma ampliação da definição dos esportes realizados na América do Sul, incluindo as práticas indígenas e coloniais.

Outro ponto inovador é sua relação com a escala<sup>1</sup> de compreensão do fenômeno esportivo na região. Com um trabalho que tem como pano de fundo a elaboração de histórias locais, buscando redesenhar a história do esporte na região em termos decoloniais, Brown opta por uma escala de observação que analisa os fenômenos ocorridos sem pautar-se por uma determinante geográfica. Dessa forma, a unidade de compreensão do livro não é o esporte nacional (o esporte argentino, o esporte colombiano) e sim as lógicas implicadas no desenvolvimento do esporte que permitem uma análise conjunta desse fenômeno na região. Essa opção faz coro às inquietações de Sabato (2015) em relação à história latino-americana, que se pergunta se esta é a combinação das histórias dos países ou se é possível construir uma história comum que extrapole essa soma. Nesse caso, pensando na América do Sul, Brown nos permite jogar com uma nova escala da história regional ao optar por uma história esportiva que é mais do que a somatória das histórias nacionais dos esportes, superando as compreensões geralmente estabelecidas sobre esse fenômeno.

O livro é dividido em uma introdução, duas partes centrais e um epílogo. Na introdução, o autor apresenta alguns eixos de análise que guiarão a discussão conseguinte, dividindo-as em pequenos subtópicos. O livro começa sua discussão apontando que, em geral, na América do Sul, as origens do esporte e do futebol giram em torno de um mito fundador e que, nesta obra,

---

<sup>1</sup> Tomamos a ideia de escala a partir dos trabalhos de Jacques Revel (1996; 2010)

ao contrário, a proposta é permitir o diálogo com outras lógicas fundacionais, considerando que o futebol e os esportes em geral se alimentaram de culturas esportivas pré-existentes em todo o continente. Além disso, aponta a centralidade do esporte para o desenvolvimento de ideias vinculadas à ordem, ao progresso e ao poder, além de sua utilização por indivíduos e instituições para melhorar corpos, nações e cidades, em um momento de construção simbólica do que significava ser um Estado sul-americano.

Em um nível mais metodológico, a introdução apresenta suas relações com a história global e a maneira como isso impacta a produção e a busca por fontes históricas. Por fim, a organização do livro é apresentada: a parte 1, nomeada “origem dos esportes”, com seis capítulos, busca resquícios da prática esportiva entre indígenas, afrodescendentes, em seus traços coloniais, nos clubes, na escola. A segunda, também dividida em seis capítulos, trata das finalidades do esporte, com foco na promoção da beleza, na celebração da resistência, no controle da violência, o aproveitamento das tecnologias e o nacionalismo. Todas essas temáticas aparecem mescladas no último capítulo, no qual questões locais, nacionais, regionais e internacionais são condensadas na análise da realização da Copa do Mundo de futebol masculino de 1930.

No primeiro capítulo do livro, Brown apresenta sua proposta de desmistificar a ideia de que os esportes sul-americanos tem como característica a derivação dos grandes centros; sua proposta é mostrar que, na realidade, ao mesmo tempo em que a Football Association elaborava seu livro de regras, os habitantes da região desenvolviam suas próprias práticas. Para ele, os esportes na América do Sul existiram em seus próprios termos, em comunidades ou em locais específicos, antes mesmo da chegada europeia e norte-americana. A grande questão é a primazia pelo termo “moderno” na adjetivação dos esportes. Para o autor, esse termo (somado à ideia de civilização) tem uma definição em disputa; logo, ao considerar que suas significações advêm das práticas europeias e norte-americanas, as demais atividades sempre serão consideradas pré-modernas ou bárbaras. Foi o caso da caça, dos jogos indígenas, da capoeira, das práticas com cavalos: ao mesmo tempo em que sofreram restrições à época por serem consideradas práticas ora pouco civilizadas, ora desordeiras, elas sofreram também classificações pejorativas daqueles que tentaram estudá-las, enquadrando-as nas já citadas definições prévias. Outras práticas esportivas analisadas por Brown no segundo capítulo foram os esportes coloniais, promovidos pelas autoridades espanholas ou portuguesas, nas quais os animais eram frequentemente os protagonistas. As principais práticas mencionadas pelo autor são as brigas de galo e as touradas, classificadas como mais ou menos civilizadas a depender de seu nível de violência. Para o autor, as origens coloniais e a violência inerente fizeram com que essas atividades fossem apagadas das histórias oficiais.

Finalmente, Brown chega ao que ele nomeia como “pioneirismo britânico”, ou seja, a chegada de práticas esportivas, especialmente o futebol, pelas mãos dos “mitos fundadores”. Na tentativa de desmistificar tal mito fundacional, o autor parte da premissa de que uma dezena de fatores coexistiram nesse período, permitindo a aderência e a difusão das práticas esportivas.

Essa transformação das culturas esportivas locais levou certo tempo e passou por diferentes estágios, que são apontados ao longo do capítulo. Em primeiro lugar, Brown enfatiza a utilização de uma ideologia vinculada aos esportes utilizada pelas autoridades locais na promoção da melhoria da raça. Para isso, a tentativa de elaborar uma ideologia britânica dos esportes na figura do *fair play* foi um importante fator, ainda que na própria Grã-Bretanha outras lógicas em relação a essa questão estivessem sendo elaboradas. Além desse fator, o desenvolvimento das redes de transporte e comércio também permitiram trocas em relação às práticas esportivas. O livro enfatiza a forma como essa nova cultura esportiva foi formada a partir de hibridismos e improvisações, versando inclusive sobre as disputas simbólicas em relação ao domínio da prática e do conhecimento esportivo. Essas trocas podem ser exemplificadas com a prática do futebol “criollo”, símbolo da heterogeneidade das práticas esportivas.

Na sequência, Brown discute nos capítulos 4 e 5 dois espaços que permitiram o florescimento dessa nova cultura esportiva na região: as escolas e os clubes. Nos termos educacionais, os esportes receberam auxílio das reformas na Educação Física, especialmente por seu vínculo possível com o nacionalismo e sua possibilidade de aspiração global. Além disso, a educação física e os esportes tiveram papel crucial nos momentos de secularização da educação pública, incidindo em novas relações entre a educação, o Estado e a formação moral da população.

Os clubes também tiveram um papel relevante na difusão da cultura esportiva, especialmente por serem espaços de formação de identidades coletivas, ocupando um vazio deixado pelo poder público nesse âmbito. Se em um primeiro momento sua atuação era mais restrita, vinculada a determinados nichos da sociedade (como no exemplo dos clubes de campo), foi no âmbito clubístico que surgiram outras potencialidades, como a reunião esportiva de classes populares e obreiras. Brown enfatiza também um outro papel importante exercido pelos clubes sul-americanos, ligado à difusão e sistematização dos códigos esportivos, que permitiram a participação e organização de eventos de maior amplitude.

A primeira metade do livro termina com um capítulo ligado à transformação do esporte em um negócio, permitindo, dessa forma, um vínculo com sua segunda metade. Brown afirma que à medida em que a América do Sul se integrava de maneira mais direta com as redes globais de comércio e finanças, a relação entre esportes e negócios se transformava, especialmente por conta das novas possibilidades de comunicação e pelos avanços tecnológicos. Nesse capítulo, que trata desde as apostas até o profissionalismo, passando pela formação do nicho de espectadores e da aparição das propagandas, Brown discute uma vez mais as relações entre a modernidade e os esportes, desta vez apontando seus vínculos com o capitalismo. Para o autor, como as relações capitalistas se desenvolveram de maneira desigual pela região, essa diferença também permite questionar as definições de esporte moderno a partir das quais tais práticas são mensuradas e qualificadas. Por fim, o capítulo serve como uma conexão entre o papel cultural e social do esporte na região e seu aspecto global, elemento explorado na segunda metade da obra.

A parte dois do livro, intitulada “os fins do esporte”, tem como proposta debater as diferentes finalidades da prática esportiva na região. O primeiro capítulo discute as relações entre esporte e beleza, especialmente a partir das ideologias de raça e gênero, vinculadas à realização – ou ao impedimento – da prática esportiva pela população. De acordo com Brown, a somatória entre institucionalização, ideologias e nacionalismo foi crucial para o obstáculo estatal relacionado a determinadas práticas esportivas pelas mulheres. O autor enfatiza ainda sua dimensão estética, ligada principalmente aos novos atributos propagandísticos do esporte.

Outro elemento abordado no capítulo, que se soma à discussão do capítulo 9, é a questão da violência e sua relação com a beleza estética, especialmente masculina. A violência controlada figurava como uma expressão da masculinidade, e esse controle – exercido pelos esportes – foi utilizado de diversas maneiras nas definições de como moldar os corpos indígenas, pretos e pardos.

Na sequência, nos capítulos 8 e 10, o autor acerca-se das temáticas ligadas à resistência do corpo, que começa a ser testada a partir da busca de seus novos limites, e à tecnologia, aliada a tais intentos ao reconfigurar normas ligadas às distâncias, aos tempos, aos recordes. Brown aborda a questão da tecnologia tanto em seu aspecto mais vinculado à prática esportiva, como no exemplo das bicicletas e do automobilismo, quando em sua relação com a difusão dos esportes, dando ênfase ao papel do rádio.

O penúltimo capítulo do livro trata das relações de internacionalização que tangenciam as práticas esportivas da região. Um dos elementos centrais nessa discussão é o olimpismo, usado como pano de fundo para as transformações nos imaginários nacionais sobre os esportes globais. Brown aponta, nessa discussão, a relação do olimpismo com as práticas locais, tanto em suas nuances semânticas – por exemplo, na nomeação de diferentes disputas esportivas locais como ‘olímpicas’ -, quanto em sua relação com a compreensão do universo global da prática esportiva. Os diferentes vínculos estabelecidos entre os Estados nacionais e as entidades esportivas globais geraram mudanças no contexto de representações esportivas e, mais do que isso, geraram mudanças na própria forma como os Estados passaram a representar a si mesmos. Para o autor, a conexão entre esporte, política, ideologia e exercício do poder foi parte central do avanço do movimento olímpico na região.

O livro culmina na discussão sobre a Copa do Mundo de 1930, realizada no Uruguai. A organização do livro, que pretende mostrar a construção de um novo campo esportivo na região, apoiado nas práticas anteriormente realizadas, aponta que a realização do mundial foi o resultado de histórias interligadas entre tecnologias, identidades, políticas, relações de poder e, seguramente, da construção de uma nova cultura esportiva.

O epílogo do livro busca sintetizar as principais questões apontadas na obra, ressaltando os elementos considerados disruptivos de uma tradição nas investigações sobre a história do esporte na região. Em primeiro lugar, o autor reafirma que o levantamento de fontes e a discussão realizada postulam um novo lugar para o esporte sul-americano nas discussões históricas; não mais como um receptáculo de ideias norte-americanas e europeias, mas sim em seu lugar transformador em relação às práticas globais esportivas desde o

princípio do século até a década de 1930. Além disso, Brown advoga pela importância de um trabalho que, inserido nas discussões da história global dos esportes, enfatize as histórias locais, reafirmando assim a arrojada impronta de seu método de elaboração do trabalho frente às discussões anteriores.

O epílogo termina com uma reflexão e um convite a uma nova maneira de analisar e investigar a história do esporte na região. Uma das inovadoras propostas da obra é proporcionar, ainda que de maneira inicial, uma análise decolonial da história do esporte na América do Sul, tornando-a ainda mais vinculada às discussões contemporâneas na região. Para Brown, além de uma narrativa que reduza o prestígio dos pioneiros britânicos e permita a ascensão de outras práticas nativas, é necessário reconfigurar a própria capacidade de acesso aos materiais históricos disponíveis. Embarcar em seu convite, neste caso, significa reconfigurar o campo de pesquisas em história do esporte na região; estejamos, pois, disponíveis para estes próximos giros.

## REFERÊNCIAS

ALABARCES, Pablo. El deporte en América Latina. *Razón y Palabra*, n.69, p. 1-19, 2009.

ARBENA, Joseph. Sport and the study of Latin American History: an overview. *Journal of Sport History*, v.13, n.2, p.87-96, 1986.

ARBENA, Joseph (org.). *Sport and society in Latin America: diffusion dependency, and the rise of mass culture*. New York: Greenwood Press, 1988.

ARCHETTI, Eduardo. Fútbol y ethos. *Monografías e Informes de Investigación*, n. 7. Buenos Aires: FLACSO, 1985, 38p.

CHAPPELL, Robert. Sport in Latin America from past to present: a European perspective. *The International Journal of the History of Sport*, v.18, n.3, 2001, p.159-180.

DAMATTA, Roberto. *O universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: edições Pinakotheke, 1982.

ELIAS, Norbert (org.). *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

GUEDES, Simoni. *O Futebol Brasileiro: instituição zero*. 1977. 176p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1977.

GUTTMANN, Allen. *From ritual to record: the nature of modern sports*. New York, NY: Columbia University Press, 1978.

MELO, Victor Andrade. History of Sport in Brazil and in South America: Visibility for New Looks, *The International Journal of the History of Sport*, v.5-6, n.1, p.399-404, 2017.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: REVEL (org.). *Jogo de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p.15-38.

REVEL, Jacques. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. *Revista Brasileira de Educação*, v.15, n.45, p.434-444, 2010.

SABATO, Hilda. Historia latino-americana, historia de América Latina, Latinoamérica en la historia. *Prismas*, v.19, n.1, 2015, p.135-145.

SHEININ, David M.K.; TORRES, Cesar. The new history of sport in Latin America. *Estudios Interdisciplinarios De América Latina Y El Caribe*, v.31, n.2, p.7-16, 2020.

Pós Doutoranda na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, São Paulo, Brasil. E-mail: danielemedeiros.ef@gmail.com